

A Cosmologia de Giordano Bruno como desdobramento de sua Metafísica

Grupo de Estudos: Filosofia, Educação e Cultura na Renascença

Willian Ricardo dos Santos – CNPq/UFRGS
Orientador: Prof. Luiz Carlos Bombassaro

INTRODUÇÃO

Giordano Bruno (1548-1600) foi um dos maiores pensadores da Renascença. Nascido em Nola, província de Nápoles, onde entrou para a ordem dominicana e fora tempos depois excomungado. O Nolano viaja por diversos países lecionando filosofia e arte da memória num período marcado pelas guerras de religiões. Suas críticas ao cristianismo e à filosofia clássica acabou em seu assassinato pela Igreja católica: Bruno foi queimado vivo em Roma após passar anos preso e torturado.

As obras de Bruno que chegaram até nós dividem-se basicamente nos escritos italianos e latinos. Os escritos italianos compõem uma série de seis livros escritos em língua moderna: italiano, estes escritos foram publicados em 1584/85. Recentes estudos feitos por especialistas em Bruno (N. Ordine, T. Leinkeuf, M.A Granada, L. C. Bombassaro) mostram a unidade destes textos, que seriam um projeto único dividido em diferentes movimentos. Se assim for, parece ser necessário que a série tenha uma sequência argumentativa. Analisa-se aqui o alicerce da série, a saber, sua metafísica em *De la causa, principie e Uno* e os argumentos seguintes que seria a implicação de tal fundamento para a cosmologia, estes desenvolvidos em *Del'Infinito, Universo et Mondi*.

A metafísica de Bruno busca um modelo distinto do aristotélico, o Nolano só admite como existente a substância primeira, que é a matéria, todavia a matéria para ele é dotada de um princípio vital, isto é, ela é animada, a matéria é divina.

DEUS E SUBSTÂNCIA

A distinção entre princípio vital e material só pode ter sentido se for uma distinção de razão e não uma distinção real, pois tal divisão acarretaria na divisão de Deus, o que não é aceitável. Esta coincidência de opostos é fundamental para sua filosofia monista que exclui a possibilidade de um Deus transcendente e não admite a possibilidade de distinção entre a divindade e sua manifestação. O Objetivo é a *“coincidência da matéria e da forma, da potência e do ato; de sorte que o ente, logicamente dividido no que é e no que pode ser, é na realidade indiviso, indistinto e uno; e este conjunto [é] infinito, imóvel, indivisível (...).”*

Se a substância mais fundamental só se aplica à Deus então ela só pode ser infinita, e se em Deus a potência coincide com o ato então o mesmo deve se dizer da substância. E se queremos afirmar a existência do mundo e das coisas que a habitam então é preciso dizer que este mundo e suas partes devam ser partes na substância, mas não partes da substância, pois ela como divina é indivisível. Como esta substância coincide matéria e forma, potência e ato e além disso ela é infinita, então o infinito existe em ato. Isto não é dizer mais que esta substância existe e como não pode haver outro existente diferente dela ela é tudo que existe e então, para falar de existência não se pode deixar de atribuir a infinitude. O que existe em última instância é a Natureza que é Deus, criador de si.

O ESPAÇO E O SER

Em *Del'Infinito, Universo et Mondi* Bruno parece partir de um ponto de vista diferente para se provar a Infinitude do Universo, todavia em diversos momentos nota-se um paralelismo das duas obras, ambas possuem a mesma estrutura no título e na organização feita em cinco diálogos. *Prima facie* cada obra é desenvolvida com diferentes perspectivas, *De'la Causa* foca nos fundamentos metafísicos enquanto *De'Infinito* na cosmologia, a primeira trata da *Natureza naturante* enquanto a outra da *Natureza naturada*. Deve-se compreender portanto estas duas obras como dois modos distintos de tratar o Ser ou estas duas obras seriam sequenciais, isto é, a segunda dependeria dos fundamentos conceituais da primeira?

Penso ser as duas coisas. Há duas diferentes perspectivas sobre o Ser, mas a segunda obra depende de um conceito fundamental para a prova do Universo Infinito, a saber, o conceito de espaço, ainda que este não seja desenvolvido na primeira obra ele é relacionado à coincidência entre potência passiva e potência ativa ambos desenvolvidos na primeira obra. Após demonstrar a impossibilidade da finitude do espaço, Bruno busca negar a possível existência de um vácuo no qual este mundo estaria, para isto ele predica o espaço com as mesmas propriedades do Ser, que é justamente a coincidência entre potência e ato. Dado ser o espaço infinito e de não haver diferenças entre um e outro lugar, então deve-se afirmar a plenitude do ser no espaço, pois se há ser no espaço ocupado por este mundo então não pode haver vácuo, pois as condições de possibilidade do ser se mostram idênticas em todo o espaço infinito, portanto o universo é infinito. Nota-se que o espaço coincidiu potência e ato assim como o conceito de substância desenvolvido em *De'la Causa*.

CONCLUSÃO

Conclui-se portanto que nos escritos italianos de Giordano Bruno há uma sequência lógica na passagem de uma obra a outra, pelo menos no que diz respeito a importante passagem da metafísica para a cosmologia. Sendo assim os escritos italianos ganham força, podendo sustentar uma tese cosmológica inovadora de um ponto de vista não matemático como o de Copérnico, nem científico como o de Galilei, mas numa perspectiva essencialmente filosófica baseada numa metafísica da imanência e da unidade do ser.

O sistema torna-se mais compreensível com a imagem do universo como um animal dotado de corpo e alma. Assim tudo que é ser existe em Deus.

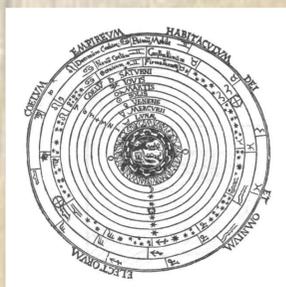
Quanto a unidade dos escritos italianos, é razoável afirmar que Bruno foi cuidadoso na articulação conceitual destas obras, além do mais fatos históricos mostram que Bruno estava em uma discussão direta com os aristotélicos de Oxford, portanto uma metafísica bem fundada era fundamental para sua tese mais forte, que é a infinitude do universo com seus infinitos mundos e a implicação deste modelo cosmológico para filosofia prática e para a ciência. Tem-se aqui o início da modernidade.

“Pois o universo é uno, infinito, imóvel. Una, afirmo eu, é a possibilidade absoluta, uno o ato, uma a forma ou a alma, uma a matéria ou corpo, uma a coisa, uno o ser, uno o máximo e supremo, que não pode ser compreendido; por isso que ele é indefinível e indeterminável e portanto não tem limite nem termo e, conseqüentemente, é imóvel” (De'la Causa)

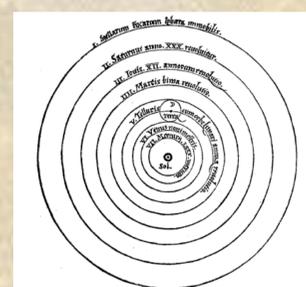
“Por conseguinte, se o espírito, a alma e a vida se encontram em todas as coisas e se, segundo certos graus, enchem toda a matéria, então decerto resulta que constituem o ato verdadeiro e verdadeira forma de todas as coisas. Então a alma do mundo é o princípio formal constitutivo do universo e do que nele está contido” (De'la Causa)

“É, pois, um só o céu, o espaço imenso, o seio, o continente universal, a região etérea em que tudo corre e se move. Aí se vêem sensivelmente inumeráveis estrelas, astros, globos, sóis e terras, podendo-se com razão conjecturar que são infinitos. O Universo imenso e infinito é o composto que resulta de tal espaço e de tantos corpos nele compreendidos.” (Del'Infinito)

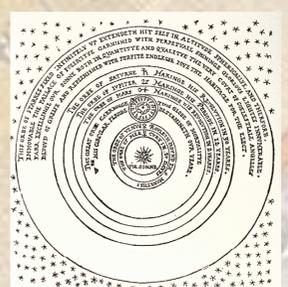
“Portanto, assim como este espaço pode, tem podido, e é necessariamente perfeito pela continência deste corpo universal, como dizes, assim todo o outro espaço pode, e tem podido ser feito.” (Del'Infinito)



P. Apiano(1495-1552). Um amigo de Kepler, apresenta um modelo tradicional com 10 céus.



Copérnico(1473-1543). Um universo finito com o sol no centro do universo. Hipótese matemática.



Thomas Digges(1546-1595). Modelo com espaço infinito com estrelas. Bruno modificará este modelo, de modo a torná-lo semelhante ao de Copérnico.

Agradecimentos: Agradeço aos meus amigos e colegas do grupo de pesquisa Filosofia, Educação e Cultura na Renascença, Professor Luiz Carlos Bombassaro pela confiança e ajuda indispensável, ao Marden Müller e Leonardo Ruivo pelas críticas construtivas. Agradeço de forma especial Taína Scheid pela companhia. Agradeço também o CNPq e a PROPESQ pelo incentivo financeiro. Todos foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.